

Saussure, Lyons e a partida de xadrez: comparar ou não comparar?

_____. **Lingua(gem) e Lingüística**: Uma Introdução. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Matheus Rigobelo CHAUD¹

Adentrando a bibliografia sugerida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, preparando-me para o processo seletivo, iniciei a leitura de algumas obras básicas, como o famoso *Curso de Lingüística Geral*, de Ferdinand de Saussure, passando pelos dois volumes de *Problemas de Lingüística Geral*, de Émile Benveniste, e *Lingua(gem) e Lingüística*, de John Lyons. Tendo lido apenas as quatro obras relatadas, algo me incomodou ao estudar essa última: uma crítica, talvez um pouco áspera, à comparação de Saussure entre a língua e a partida de xadrez. Como leitor iniciante, deixei este “sentimento mal resolvido” de lado e segui com meus estudos. Entretanto, quanto mais eu adentrava o território da Linguística, mais me sentia instigado a analisar o porquê de minha inquietação com os comentários de John Lyons. Dessa análise, convido-os a uma reflexão sobre a crítica de Lyons àquela que talvez seja a analogia mais famosa na história da Linguística.

Poderia parecer ambicioso de minha parte discutir a analogia associada a um dos pilares da tradição estruturalista iniciada por Saussure, a dicotomia sincronia-diacronia. Entretanto, não é exatamente este o objetivo. O intuito é explorar a fundamentação utilizada por Lyons em sua crítica e, partindo dela, revisitar o papel da comparação enquanto ferramenta didática.

Como Saussure e Lyons usam a comparação

Saussure (2006) faz uso da analogia entre a língua e uma partida de xadrez para ilustrar a distinção entre os planos sincrônico e diacrônico. Percebe-se, aliás, que o recurso a este tipo de figura de

¹ Aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. São Carlos-SP. Correio eletrônico: matheuschaud@hotmail.com.

linguagem é recorrente no *Curso*: compara a língua ao sistema solar, para enfatizar a solidariedade existente entre os elementos da língua da mesma forma que há um equilíbrio entre os planetas em nosso sistema; compara a língua ao tronco de um vegetal, buscando evidenciar que as perspectivas sincrônica e diacrônica, embora sejam diferentes, estão relacionadas uma à outra, assim como um corte longitudinal de uma planta está relacionado a seu corte transversal; traça um paralelo entre uma alteração fonética, que não atingiria a palavra em sua essência, e uma corda defeituosa em um piano, que afetaria apenas o instrumento, mas não a melodia sendo executada; compara a língua a uma folha de papel, ilustrando uma relação indissociável entre som e pensamento; dentre outras mais.

Lyons (1982), por outro lado, não parece muito adepto de comparações. Em uma das poucas analogias que faz, menciona que o projeto de um motor automotivo poderia ser justificado tanto por razões históricas, ou seja, por sua evolução, quanto pela função de seus componentes dentro do "sistema", que remeteriam, respectivamente, às noções de diacronia e sincronia na língua. Entretanto, ao fazer esta comparação, ele próprio afirma que não deve ser tomada demasiadamente ao pé da letra, devido às diferenças existentes entre uma máquina e uma instituição social.

A crítica de Lyons

Expostas essas observações, que refletem um pouco da ótica desses dois autores com relação ao uso de comparações, vamos à crítica que John Lyons faz à analogia com a partida de xadrez. A ele, a palavra:

O estado do tabuleiro está em constante modificação, na medida em que cada jogador movimenta suas peças. Mas o estado do jogo pode ser descrito a qualquer momento em termos das posições que as peças ocupam. (Na realidade não é bem assim. Por exemplo, o estado do jogo é afetado, no tocante às possibilidades de um roque, pelo fato de se retirar o rei de sua posição original e depois devolvê-lo...) (LYONS, 1982, p. 60)

Todo jogo de xadrez, se jogado conforme as regras e se completado, tem início e fim determinado. As línguas não. (LYONS, 1982, p. 62)

Há ainda um outro particular em que a analogia saussureana

vem falhar². O jogo de xadrez é formulado por regras explicitamente formuladas, e dentro dos limites por elas impostos, o os jogadores determinam o curso de qualquer partida que esteja sendo disputada entre os dois, com referência a um objetivo reconhecido. Pelo que se sabe, não há direção preestabelecida no desenvolvimento diacrônico das línguas. É bem possível que haja certos princípios gerais determinando a transição de um estado lingüístico para outro. Mas se houver tais princípios, não se compararão às regras de um jogo concebido pelo homem, como o xadrez. (LYONS, 1982, p. 62-63)

Percebe-se que Lyons busca explicitar as **diferenças** entre uma partida de xadrez e a língua, e de fato as expõe de maneira inteligente e difícil de contestar. Entretanto, a pergunta que me levou a esta análise é: uma analogia “desmorona” em virtude de fatores como os mencionados por Lyons? Até que ponto ela ainda é válida? Questões estas que nos convidam a um comentário sobre o papel da comparação como recurso didático.

Comparar ou não comparar?

Embora o tema possa ser desenvolvido de maneira extensa, não é necessário ir tão longe para responder as questões colocadas. Dentre os inúmeros trabalhos enfatizando a importância de metáforas, comparações e analogias na aprendizagem, Ortony (1975), cientista cognitivo, nos traz algumas informações. Segundo ele, Aristóteles já considerava a metáfora “um dístico dos gênios”. Metáforas, comparações e analogias têm sido usadas como ferramentas de ensino desde as escrituras mais antigas da civilização humana. As metáforas, além de incentivarem a memorização e levarem a uma percepção melhor e mais clara, são uma ferramenta extremamente eficiente para realizar a movimentação partindo do mais conhecido em direção ao menos conhecido. Cabe observar aqui que Ortony não faz questão de traçar uma barreira clara entre metáfora, comparação e analogia, visto que, do ponto de vista cognitivo, não há diferenças significativas entre elas. Optei por seguir a mesma filosofia neste artigo, uma vez que as diferenças entre elas não são o foco desta análise.

Um ponto talvez ainda mais importante, também exposto por

² No texto original, em inglês (LYONS, 1981), o verbo utilizado é *break down*; foi traduzido para o português como *falhar*, mas pode igualmente ser interpretado como *desmoronar*, *desabar*, *colapsar* ou *sucumbir*, sendo assim, possivelmente, uma crítica mais severa do que a versão em português dá a entender.

Ortony, é que, em nenhuma destas figuras de linguagem, existe a intenção de estabelecer identidade: a comparação somente se aplica a determinadas características, e estabelecer estas características é justamente o que se busca no entendimento da comparação. Elas não podem ser tomadas literalmente, cabendo ao intérprete determinar quais características de similaridade são apropriadas.

Intuitivamente, reconhecemos a veracidade destas afirmações. Imaginem o que aconteceria se tomássemos algumas comparações ao pé da letra. Rejeitaríamos desde frases simples em nosso dia-a-dia, como “Aquela mulher é uma víbora”, pois poderíamos contestá-la dizendo “Não se pode comparar dois animais tão diferentes – o ser humano é um mamífero, já a víbora é um réptil – são classes totalmente diferentes”, até conceitos aprendidos na escola, como a comparação frequente entre luz e ondas em física. Se tomadas literalmente, as comparações naturalmente perdem o sentido.

Lyons, no entanto, parece não pensar da mesma forma. Ao invés de buscar os pontos de semelhança na comparação de Saussure, se apega às diferenças. Uma coisa seria rebater o conceito, a essência da comparação, questionando se é verossímil o fato de a língua e a partida de xadrez poderem ser visualizadas de dois pontos de vista – o sincrônico e o diacrônico; outra coisa é analisar a comparação pelo que ela não é, ou seja, pelos pontos em que ela deixa de ser exata. Lyons foge do conteúdo principal que motivou a comparação, que seria a divisão da língua em dois eixos, e parte para fatores que talvez sejam secundários a esta comparação.

Há, no entanto, um parágrafo do *Curso* que justifica a crítica de Lyons:

Existe apenas um ponto em que a comparação falha: o jogador de xadrez tem a intenção de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema, enquanto a língua não premedita nada. (...) Para que a partida de xadrez se parecesse em tudo com a língua, seria mister imaginar um jogador inconsciente ou falta de inteligência. Além disso, essa única diferença torna a comparação ainda mais instrutiva (...). (SAUSSURE, 2006, p. 105)

Aqui, percebe-se que Saussure (ou seus editores) provavelmente considerou a comparação perfeita não fosse por um único aspecto. Como mencionado anteriormente, o intuito de uma comparação não é,

ou não deveria ser, o de estabelecer uma identidade perfeita.

Ainda assim, é difícil dar razão total a Lyons: uma analogia não “desaba” por não ser exata em toda a sua amplitude, por não ser aplicável a todos os aspectos possíveis e imagináveis de correspondência entre os itens sendo analisados. Uma comparação vale por seus pontos de similaridade, e não por suas diferenças. Visa, antes de tudo, facilitar a compreensão, a visualização, a assimilação do conceito sendo transmitido. Este é o valor de uma comparação. Se a comparação auxilia neste processo, ela é válida como ferramenta de transmissão de conhecimento.

Considerações finais

Estamos então entre um Saussure que reconhece o valor das metáforas, seu poder didático, sua utilidade como agente facilitador na construção de conceitos, e um John Lyons avesso a comparações, com receio explicitamente manifestado de vê-las interpretadas ao pé da letra.

Como em tantas outras situações conflitantes, a resposta talvez não esteja em nenhum dos extremos: nem a comparação deve ser tomada como perfeita, nem deve ser totalmente desprezada.

Não nos mostremos alheios, ainda, a possíveis vicissitudes durante o uso de comparações. Compreensões equivocadas podem ocorrer. Parafraseando Bakhtin (2006), que considera a palavra uma ponte lançada entre o locutor e o interlocutor, uma comparação não será bem sucedida a menos que: 1) seu elaborador assegure-se que a comparação seja realmente uma ponte entre um conceito familiar e o novo conceito sendo instituído, cuja travessia seja viabilizada pelo elaborador, respeitando as capacidades cognitivas do receptor; 2) o receptor adote uma postura cooperativa e esteja disposto a cruzá-la em vez de ficar contemplando minúcias no horizonte paisagístico de um ou outro lado da ponte.

O rigor de Lyons em sua análise não deve ser desmerecido. Foi justamente essa busca crescente por precisão que ajudou a conduzir a Linguística ao *status* de ciência. De fato, temos que admitir - a comparação de Saussure não é perfeita. Mas, como uma comparação, deveria ser?

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

LYONS, J. **Language and Linguistics: An Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

_____. **Lingua(gem) e Lingüística: Uma Introdução**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

ORTONY, A. Why Metaphors Are Necessary and Not Just Nice. **Educational Theory**, v. 25, p. 45-53, 1975.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em 12 de junho de 2013.
Aceito em 04 de novembro de 2013.